

a chama



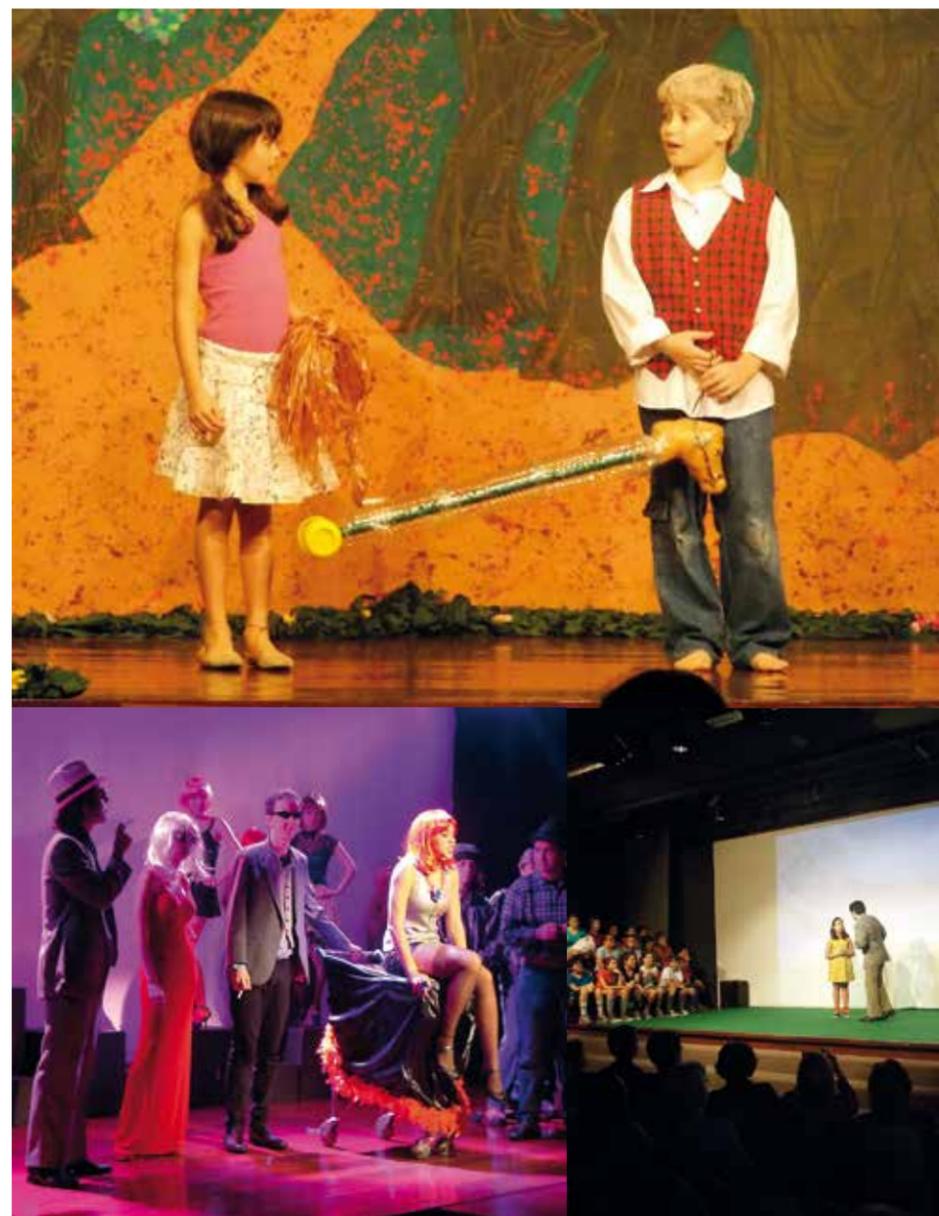
REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

Um viva à democracia
alunos, pais e mestres
elegem seus representantes
no Colégio São Vicente



A Oficina de Teatro tem o patrocínio da Associação de Pais e Mestres

Você sabia que a Associação de Pais e Mestres apoia e patrocina a Oficina de Teatro do Colégio? Pois é. São três grupos diferentes: o teatro infantil, para alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, com o professor Lauro Basile; o teatro juvenil, para o pessoal do 6º ao 8º ano, com Joana Cabral; e o grupo de artes cênicas, do 9º ano do Fundamental à 3ª série do Ensino Médio, com Ana Brasil. Todos os anos estes grupos apresentam seus trabalhos no auditório do colégio. Venha participar e prestigiar você também.



CAPA: ARTHUR E CAROLINA, DA TURMA 201, VOTANDO PARA O MINIGRÊMIO

a chama

Ano XLI Nº 87
Setembro/ 2014

Revista editada pela Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Rua Cosme Velho, 241 - Cosme Velho - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22241-125
Telefone: (21) 3235-2900 e-mail: csvp@csvp.g12.br

Supervisão Editorial: Padre Agnaldo Aparecido de Paula e Tulio Vasconcellos

Reportagem: Rodrigo Prestes

Edição de Textos: Rosa Lima

Revisão: Vanda Vasconcellos e Pe. Lauro Palú

Projeto gráfico e Produção Editorial: Christina Barcellos

Fotos: arquivo CSVp, School Picture, Simone Fuss, Christina Barcellos, arquivo Matéria Brasil e Rodrigo Maia

Secretário da APM: Edevino Panizzi

Distribuição interna e venda proibida

Tiragem: 2 mil exemplares

Jornalista Responsável: Rosa Lima - Mtb: 18640/RJ

DIRETORIA DA APM

Presidentes: Carlos Diniz Marques Campos e Flavia Fioruci Bezerra

Vice Presidentes: Fernando José Rodrigues e Lucia Carvalho Coelho

Relações Públicas: Tulio Vasconcellos e Sheila Ornellas Guimarães

Secretários: Miguel Christino e Rosane Barbin Christino

Tesoureiros: Alvaro Kilkerry Neto e Verônica de Gusmão Mannarino

Conselho Fiscal: Simone Fuss Maia da Silva, Angelo Maia da Silva, Neuza Miklos, Álvaro Barbosa de Carvalho, Fernando Freire Bloise e Francisca Eliane Saraiva Freire

Representantes dos Professores: Jéssica Moura Dias Campos e André Mucci

sumário

- 2 CAPA**
Novas agremiações reforçam a democracia
- 6 COMO SE FAZ**
A importância das Comissões da Verdade
- 9 EX-ALUNOS**
Thiago Maia aposta em empresas sustentáveis
- 12 ONTEM E HOJE**
- 14 PERFIL**
Joka, 46 anos de Colégio São Vicente
- 16 HOMENAGEM**
O adeus a Alexandre Junqueira, o "Tio Alex"
- 18 ESPORTE**
Como treinamos nossos atletas?
- 21 NOTAS**

editorial

Fazer uma revista. Nunca pensei na possibilidade. Todavia, ao assumirmos a diretoria da Associação, e quando foi escolhido que eu seria o presidente, fui comunicado que caberia a mim escrever o editorial da "a chama", revista editada pela Associação de Pais e Mestres. Suei frio, gelei!

Porém, compromisso assumido, esta é a quarta vez que visto a camisa (ou fantasia) de editor. Este número 87 da chama está muito rico, pelos temas abordados e pelos personagens entrevistados. CSVp dando uma aula de democracia. Joka, história que se mistura e confunde com a do colégio. O Transformador Social Thiago Maia, ex-aluno.

Entretanto, quero parabenizar o membro da diretoria que, realmente, "carrega o piano", Túlio Vasconcelos. Os assuntos e pautas são decididos, democraticamente, por todos na diretoria, mas quem coordena, junto aos jornalistas, Rosa e Rodrigo (ex-aluno), e a parte gráfica e editorial, feito pela Christina, é ele. Parabéns, Túlio.

Finalizando, a chama presta uma singela homenagem ao Alexandre e ao Bruno, pai e filho, vitimados no dia primeiro de julho em um acidente de carro em Minas. Professor de geografia do E.M., Alexandre era um cara intenso. E com essa intensidade ele conseguiu contagiar amigos, colegas de classe, alunos. Guardo de Bruno uma imagem, ele e meu filho, Felipe, empunhando seus cajados pelas trilhas do Caraça.

Aloha! Boa leitura,

Carlos Diniz



Representatividade: o exercício da democracia

Na Sala dos Professores, mestres se confraternizam com alguns dos membros da primeira diretoria eleita para a recém-criada Associação de Professores do Colégio: Roberto Benetti Mallet, presidente (de camisa preta); André de Barros Mucci, 2º tesoureiro (no alto, de camisa branca); Jacqueline Duarte de Moraes Brito, 2ª. secretária (terceira da direita para a esquerda); e Wagner Pinto da Silva, 1º. tesoureiro (de óculos, atrás de Jacqueline). Não estão na foto, mas também fazem parte da chapa eleita os professores Rogério Forti, 1º secretário; e Patrícia Mergener Zanatta Brito, vice-presidente

**Já com três grêmios
estudantis e uma
Associação de Pais e
Mestres, o Colégio São
Vicente saúda com
alegria a criação da nova
Associação de Professores
e do grêmio do EJA**

Desde a sua criação, o Colégio São Vicente de Paulo incentiva o surgimento de agremiações e associações, com o objetivo de dar voz ativa e estimular a participação de toda a comunidade escolar na vida do colégio. Foi assim com a Associação de Pais e Mestres, fundada um ano depois do colégio, e com o grêmio estudantil, hoje dividido por segmentos em Minigrêmio, Gregi e Greco, e que nunca deixou de existir, mesmo nos anos de chumbo da ditadura civil-militar brasileira. Este ano, o São Vicente reafirma seu compromisso democrático não apenas institucionalmente, mas por meio de seu corpo de professores que, por seus próprios engajamento e capacidade de mobilização, criou a Associação de Professores, e de seus alunos do Ensino de Jovens e Adultos, com a criação do GREJA, o grêmio do EJA.

Uma associação exclusiva dos docentes

Instituída oficialmente no dia 14 de julho deste ano, a Associação de Professores surgiu como ideia no final do ano passado a partir dos anseios de vários professores em compartilhar suas dificuldades entre si e buscar soluções conjuntas para elas. Depois de uma primeira reunião, em outubro de 2013, foi feita uma votação, que decidiu por maioria absoluta a favor da criação da Associação. Com a decisão tomada, foi organizada uma Diretoria Provisória, da qual participaram representantes de todos os segmentos de ensino do colégio. Em setembro, a diretoria permanente foi eleita para o primeiro mandato.

“Nós precisávamos de um canal de representação. O grêmio, por exemplo, participa do Conselho Pedagógico toda semana, e os professores até agora não

tinham uma representação formal para debater suas próprias questões e contribuir para as questões do colégio como um todo, participando de seu processo decisório. O que existia era uma pulverização nas reclamações, nas reivindicações, e quando os pedidos são feitos fragmentados, fica difícil se chegar a uma solução sistemática. A ideia na Associação é que possamos nos unir, nos entender e propor à Direção soluções únicas e abrangentes para problemas comuns a todos os professores, não só melhorando assim a qualidade de vida dos professores, mas também economizando tempo com processos internos que precisam ser atualizados e tornando o exercício do ensino mais ágil e dinâmico”, disse o professor de biologia Roberto Benetti, eleito presidente da Associação.

O sistema de lançamento de notas do colégio é um dos pontos que está sendo discutido pela nova Associação. De acordo com o professor de história do Ensino Médio, Wagner Pinto, 1º tesoureiro da entidade, a tecnologia foi ao longo dos anos entrando nos colégios, mas ainda de pouco serviu aos professores, que, em grande parte dos casos, terminaram inclusive tendo mais funções do que originalmente tinham.

“A entrada da tecnologia fez com que os professores assumissem aos poucos os papéis dos secretários e digitadores. Antigamente, nós entregávamos as notas para o colégio, que cuidava disso, por meio de seus funcionários. Com o sistema *online* em vigor, depois de as notas dadas cada professor tem que lançar, de sua própria casa, uma por uma as dezenas de notas. Se pudermos desenvolver um processo que seja mais eficiente, os professores terão mais tempo não apenas para seu próprio descanso, mas para sua formação continuada, tão essencial para nos mantermos atualizados e renovados, e os alunos serão grandemente beneficiados com isto”, disse Wagner.

Outro aspecto destacado pela Associação e que já começou a ser trabalhado é o da convivência entre os professores. O professor de português André Mucci, 2º tesoureiro da diretoria eleita, lembra que normalmente o único tempo de convivência entre eles são alguns minutos na hora do recreio, que acabam diluídos e terminam por não criar verdadeiros vínculos entre os docentes. Segundo André, para que haja um bom ambiente de trabalho,

Os membros do Greja: Josenildo Tavares, Antônio Ribeiro, Jorge Alberto, Adílio Mariano e José Elivan com o coordenador Hécio e a orientadora Eleonora



com o respeito mútuo das diferenças, a convivência fora do tempo de aula também é necessária. Para tanto, este ano foi realizado no colégio o primeiro churrasco de professores no colégio, em que os docentes puderam ficar uma tarde inteira de um sábado juntos, em puro lazer.

Grêmios, a importância da formalidade

Em tempos de crise de representatividade, quando diversas instituições formais seguem sendo questionadas, o Colégio São Vicente vem reforçar que é através da participação mais intensa, e não da mera contestação, que se constrói a democracia. O Coordenador dos 6º, 7º e 8º anos do Ensino Fundamental e do EJA, Hécio Alvim, acredita que ainda é importante manter instâncias representativas de participação, já que nossa sociedade se organiza por intermédio delas. Além disso, como ainda não há formas amplamente testadas e consolidadas de participação direta, estas instâncias ainda são legítimas.

“Há um exercício político que passa necessariamente pelos canais formais e também há um certo voluntarismo disfarçado de ampla participação, que não ajuda em certas circunstâncias. Que haja uma instituição como o grêmio do Ensino Médio, o grêmio do primeiro segmento do Fundamental e um do segundo, e agora um grêmio da Educação de Jovens e Adultos, pois o colégio não apenas autoriza a permanência desta conquista dos alunos desde há anos, mas ainda incentiva e viabiliza sua existência, é algo que demonstra a aplicação prática de seu lema”, afirmou Hécio.

O GREJA, que teve sua primeira chapa eleita em maio deste ano, é mais um exemplo desse comprometimento. A ideia já existia há alguns anos, mas foi por meio das mobilizações da Coordenadora do Serviço de Orientação Educacional do EJA, Eleonora Caldeira, juntamente com alguns professores e alunos, que finalmente o grêmio da Educação

Em tempos de crise de representatividade, o São Vicente reforça que é através da participação, e não da mera contestação, que se constrói a democracia

de Jovens e Adultos pôde existir. Para os alunos Jorge Alberto, da pasta social, e Josenildo Tavares, da administrativo, ambos na direção do GREJA, a criação de uma agremiação para a Educação de Jovens e Adultos vem deixar ainda melhor o projeto educacional do colégio, que já se destaca entre outros colégios pela diferença no relacionamento alunos-instituição.

“Eu procurei vários colégios para entrar no EJA, mas o São Vicente me pareceu de longe o melhor, com uma coordenação pedagógica própria, um professor para cada matéria, além de opções de passeios culturais, palestras, filmes, enfim, de uma série de atividades que agregam valor ao ensino, e que na maior parte dos lugares são esquecidas. Com o GREJA, agora, ainda temos a oportunidade de desenvolver outros projetos como o que estamos planejando, de uma noite esportiva ou mesmo a criação de um grupo de teatro do Ensino de Jovens e Adultos”, disse Josenildo.

“Além de tudo, temos reuniões periódicas com os professores e coordenadores e podemos sentir como está se dando o processo educacional. Quaisquer dúvidas ou questões que os alunos tenham ficaram agora ainda mais fáceis de serem levadas a debate. É impressionante como o São Vicente dá espaço para os seus alunos e nos incentiva a ser participativos”, acrescentou Jorge.

Uma formação para a vida

A Coordenadora Acadêmica do colégio, Nina da Cunha, lembra que ainda hoje há diversos colégios que não permitem a criação de uma Associação de Pais e Mestres, de uma Associação de Professores, e que restringem o grêmios a um só para todos os segmentos de educação, para o qual normalmente só podem concorrer alunos do Ensino Médio. Para a Coordenadora Pedagógica dos 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental, Maria Isabel, a existência de um grêmios para o primeiro ciclo do EF faz com que as crianças passem a valorizar o exercício da representatividade desde cedo, e esta é uma noção que vai acompanhá-los para o resto da vida.

E não são só os Coordenadores e Professores que pensam assim. Os próprios alunos que participam ativamente dos grêmios e os levam à frente também costumam ver neste exercício um aprendizado único, que acrescenta à ampla experiência de participação oferecida pelo colégio um tom ainda mais profundo, com a prática política na microescala estudantil, e desde muito cedo.

“Ter um grêmios na escola é um dos maiores privilégios que os Vicentinos têm e digo isso porque, além de dar a possibilidade de os alunos conhecerem o outro lado da escola, esta experiência pode promover o amadurecimento pessoal, oferecendo liberdade com responsabilidade. Sou muito grata por ter tido a oportunidade de fazer parte do grêmios e, com certeza, foi a experiência mais incrível que eu vivenciei no CSVP!”, revelou Fernanda Herdeiro, Diretora de esportes do Greco Zoé, que saiu no último agosto.

“Nas eleições para o GREGI, este ano, as três chapas que apareceram vieram do 6º ano. Eram muitos alunos chegando com um pique novo ao segundo segmento do EF e querendo trabalhar. E não são só os mais jovens, mesmo no grêmios do EJA há propostas em desenvolvimento politicamente muito atraentes. Eles querem discutir, por exemplo, muito firmemente a questão dos transportes, que para eles é uma questão séria, já que a gratuidade da mensalidade não lhes garante a permanência no curso. Enfim, há uma nova geração vindo e apostando de novo na possibilidade de intervenção política, de fazer algo diferente, novo, interessante”, concluiu Hélcio.

Os alunos lotam o auditório para o debate com as duas chapas candidatas ao Greco



As novas diretorias dos Grêmios e suas plataformas

Minigrêmios - 1º ao 5º ano EF

Presidente – Aline Viviane Corrêa
Vice-presidente – Isabella Morgan Vianna
Secretária – Vitória Nogueira
Tesoureiro – Rodrigo Linhares
Ajudante – Eric Abreu

Chapa Tá Pegando Fogo

- Torneios de futebol, totó, vôlei, pingue-pongue e queimado
- Semana do Dia da criança com mais tempo de recreio e show de talentos
- Soletrando
- Concurso de Arte
- Oficina de culinária
- Conversa com um atleta
- Festa de fim de ano



Gregi - 6º ao 8º ano EF

Administração - Breno Pestana
Cultura - João Pedro Canciano
Social - Bruna Cavalcante
Esporte - Ana Paula Dantas
Comunicação - Sofia Barcelos
Política - Gabriela Brandão

Chapa dos Menores

- Organizar uma parte do dinheiro para uma festa de fim de ano
- Separar a Semana Cultural para o EF2
- Arrecadar alimentos, dinheiro... para orfanatos, asilos e instituições carentes e visitá-los
- Tentar fazer uma rádio no colégio, com gente mandando recados, pedindo músicas e brincadeiras durante o recreio
- Chamar um político e discutir sobre a cidade



Greco - 9º ano EF à 3ª série do EM

Administração - Luísa Novis
Cultura - Luís Tan
Social - Laura Ribeiro
Esporte - Miguel Tápias
Comunicação - Laura Bandeira
Política - Gabriela Saad

Chapa Obá

- Apoio ao teatro, coral, SISV e aos times esportivos
- Semana Cultural, Semana da Criança, Sarau, aula de artes, pintura do muro externo
- Palestras sobre Projetos Sociais, filmes
- Viagens (como a Casa Abel)
- Campeonato de queimado, futebol, basquete e futevôlei
- Criação de times para o intercolégio, novas bolas
- Voltar com o jornal (com desenhos, crônicas e “pérolas”)
- Debate sobre eleições com os candidatos
- Proposta de um dia inteiro no Colégio com direito a dormir (para o 3º ano)



A verdade que ensina e liberta

Mesa-redonda idealizada pela Associação de Professores discute os 50 anos da ditadura e os trabalhos das Comissões da Verdade

Qual a importância de se conhecer o passado? Foi a partir deste questionamento que a recém-formada Associação de Professores do Colégio São Vicente de Paulo idealizou uma mesa-redonda para debater a ditadura militar brasileira e os trabalhos atualmente em curso para se compreender o que ela de fato foi. Para a mesa, que aconteceu na noite de 20 de maio, no auditório do colégio, foram convidados os ex-presos políticos Daniel Aarão Reis, hoje professor de história na Universidade Federal Fluminense, e Cid Benjamin, jornalista, além do presidente da Comissão Estadual da Verdade, Wadih Damous. O professor de história do 6º ano do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos e coordenador do pré-vestibular comunitário e da área de ciências humanas do CSVP, Luís Sauí, mediou o encontro.

Daniel Aarão Reis abriu sua fala lembrando que a ditadura iniciada em 1964 foi, sim, presidida por militares, mas teve imenso apoio inicial de setores da sociedade civil e do empresariado, bem como de grandes proprietários de terras, que se beneficiaram enormemente com as políticas adotadas pelos militares. Segundo ele, em 1964, figuras civis importantes na época, como José de Magalhães Pinto, Auro de Moura Andrade e Álvaro Moutinho Ribeiro da Costa, dentre outros, ajudaram a dar o golpe, e não apenas o apoiaram. Por esses motivos o professor sugeriu que se adotasse o termo *civil-militar* para denominar a ditadura.

Reis também questionou as datas que marcam oficialmente o fim da ditadura, argumentando que quando o primeiro civil foi eleito para a Presidência da República em anos, este civil foi José Sarney, um homem que fez sua carreira na ditadura, sempre a apoiando e defendendo. Além disto, o professor também disse acreditar que a ditadura não foi completamente ultrapassada,

e que cacos dela ainda se encontram incrustados no corpo da democracia atual.

“Minha expectativa é que estes debates nos incentivem a lutar por mais democracia, pois a democracia só se consolidará quando tivermos extraído todos os cacos da ditadura que permanecem entre nós, todos os vestígios, ainda importantes, que foram preservados. Este é o caminho e ele foi indicado nas manifestações do ano passado: democratizar a democracia. Que seja esse o nosso lema, nosso objetivo, nosso compromisso”, concluiu.

Cid Benjamin, que falou em seguida, constatou que nunca se discutiu tanto o golpe militar brasileiro quanto este ano, em seu cinquentenário. O jornalista disse já ter participado, só em 2014, de mais de 50 debates sobre o tema, e acredita que estas mobilizações são importantes para o país, pois uma nação que desconhece seu passado está fadada a cometer os mesmos erros repetidamente.

Benjamin traçou um panorama dos meses que antecederam o golpe, comentando as reformas de base

que avançavam então, como as reformas agrária, tributária, urbana e educacional, segundo ele, fundamentais para o desenvolvimento do país, e que por conta da ditadura militar não foram realizadas. Além deste atraso em termos legislativos, Cid também criticou veementemente a censura praticada pelo regime militar, que deixou o país parado no tempo, de acordo com o ex-presos político.

“Um país que passa 21 anos sem um debate livre fica emburrecido, e a censura fez isso com o Brasil. Houve formas de resistência por parte da imprensa, de compositores e artistas em geral, mas os crimes cometidos pela ditadura foram bárbaros. Houve, por exemplo, no Rio e em São Paulo, na década de 1970, uma epidemia de meningite, fato cuja divulgação foi proibida pela ditadura, porque se passaria a imagem de que o governo não estava bem, e centenas de crianças morreram por conta de as famílias não saberem quais eram os cuidados necessários”, revelou.

Cid disse ainda acreditar que o futuro da tortura no país está diretamente ligado ao futuro dos torturadores, e que por isso é necessário que estes sejam julgados e punidos. Ele citou também o exemplo de Nelson Mandela, que ao subir ao poder na África do Sul em 1994, com o fim do *apartheid*, promulgou uma lei, anistiando os torturadores do regime que confessassem todos os seus crimes diante de tribunais e da imprensa, o que gerou um processo de catarse no país, criando o ambiente para que crimes daquela natureza nunca mais se repitam.

A importância das Comissões da Verdade

O presidente da Comissão Estadual da Verdade, Wadih Damous, foi o último a falar e descreveu em detalhes os procedimentos e campos de atuação das Comissões da Verdade de todo o país, em seu esforço de buscar esclarecer o que foi o período da ditadura militar brasileira. Ele disse ser hoje possível afirmar que o Poder Judiciário em regra funcionou como um braço da repressão da ditadura, assim como boa parte da imprensa. Wadih também disse poder afirmar que os juízes de primeiro grau e os tribunais intermediários colaboraram, todos, com a ditadura, da mesma forma que o Ministério Público e as polícias – que chegaram a instruir os militares nas técnicas de tortura.

“O legado das violações de direitos humanos da ditadura é um legado que não foi superado, por isso as Comissões da Verdade foram criadas, como instrumento para tentar reconstruir a narrativa do exercício da ditadura no país. Essas comissões investigam os centros de tortura das Forças Armadas da época, os desaparecimentos, as chamadas “casas da morte”, mantidas e financiadas pelo governo, a linha de comando que ligava desde o Palácio do Planalto até os torturadores e assassinos e os atentados terroristas praticados pelo governo militar”, afirmou.

Damous disse que hoje o grande obstáculo enfrentado pelas Comissões é a questão da abertura dos arquivos militares e a colaboração dos chefes militares no sentido de reconhecer o papel deletério das Forças Armadas brasileiras naquele período bárbaro da história do país. Ele lembrou, entretanto, que não devemos esquecer que a categoria profissional mais perseguida

“O legado das violações de direitos humanos da ditadura não foi superado; por isto as Comissões da Verdade foram criadas”

Wadih Damous

durante o regime foi a dos próprios militares que não aderiram ao regime, que não aceitavam a tortura e o desaparecimento, como política, e se recusaram a colaborar. Para ele, essa é uma história heroica que ainda precisa ser contada, assim como a dos trabalhadores rurais e urbanos que resistiram e dos quais tão pouco sabemos até hoje.

“O relatório final das Comissões deve conter não apenas os relatos do que foi descoberto, mas recomendações de políticas públicas para que o que aconteceu na ditadura militar brasileira nunca mais se repita. Uma das nossas recomendações é a de transformar os antigos centros de tortura e desaparecimento de presos em memoriais da democracia. A sujeira de um país não pode ficar debaixo do tapete. É assim que se consolida uma democracia, é assim que as novas gerações têm consciência de que o que aconteceu não pode mais acontecer”, finalizou.

Clara Lopes, do 3º A, participa do debate que se seguiu ao final dos relatos





O professor Luis Gauí mediu o debate, que contou com as participações de Cid Benjamin, Wadih Damous e Daniel Aarão Reis (da esq. para a dir.)

“Perceber o passado entre nós é a essência da disciplina da história”

O maior objetivo de um professor de história, e seu grande desafio, é ser capaz de revelar as relações existentes entre o passado e o presente. Tais relações, se percebidas, são geradoras de sentido, individual e coletivo, pois, ao compreendermos melhor a realidade que nos cerca, nos tornamos mais conscientes de quem somos e de um todo maior, do qual fazemos parte.

Nasci em 1985 e cresci à sombra de um passado extremamente recente, mas que não cheguei a viver. Em casa, com meus pais, pouco se falava sobre o assunto. Como aluno, estudei o tema com muito interesse, mas o tratava como qualquer outro conteúdo de história. Como cinéfilo assisti a uma enxurrada de filmes produzidos pelo cinema brasileiro, o que conferiu ao assunto perspectivas romantizadas, misto de ação, espionagem e tragédia.

Por mais claras que as relações entre o passado de ditadura militar e o tempo presente fossem ficando ao longo do tempo, nada é mais revelador do que conversar com pessoas que viveram naquele contexto. No dia 20 de maio tivemos tal oportunidade, ao recebermos no Colégio São Vicente três convidados que, ao falar sobre o passado da ditadura militar, mostraram o quão concreto e recente é esse período histórico. Com a presença de nossos convidados foi possível constatar o quão próximos estamos de um passado que ainda é pertinente, que estende tentáculos até os dias atuais; afinal, não é de se espantar que duas décadas de história tenham deixado as suas marcas.

Daniel Aarão e Cid Benjamin se envolveram politicamente na época, protagonizando situações que entraram para os livros de história. E ainda hoje tratam deste assunto em suas respectivas profissões. Daniel, é professor de história e autor de livros sobre a ditadura, alguns deles publicados neste ano. Cid também publicou um livro sobre suas memórias do tempo da ditadura e atualmente é assessor de imprensa da Comissão da Verdade do Estado do Rio de Janeiro, comissão esta presidida por Wadih Damous, nosso terceiro convidado.

Assim, o que temos são três indivíduos que atualmente, passados cinquenta anos do golpe, demonstram que o tema da ditadura é um campo de disputa política que não cessou de existir. A tomada de poder por parte dos militares, com apoio de outros setores da sociedade brasileira, acionou ideologias, posicionamentos políticos, projetos ou ideais de nação. Estes ideais entraram em conflito com

outros projetos oriundos de setores que, na época, obtiveram pouco espaço de expressão, tendo em vista a repressão vigente.

Mas o que nossos convidados puderam demonstrar é que a disputa em torno destes distintos projetos continua viva entre nós. Ainda existem segmentos da sociedade que aprovam o passado ditatorial e o endossariam novamente. Ainda existem pessoas que optam por um “fazer política” de forma autoritária, sem permitir a pluralidade de vozes que constitui um governo verdadeiramente democrático. Ainda há pessoas que legitimam a violência policial (militarizada) como única forma de combate à criminalidade ou como resposta a manifestações populares.

Mas também há pessoas que continuam buscando apurar os crimes cometidos naquela época, continuam a prestar contas para as famílias vitimizadas e afirmam que resgatar este passado, construindo um determinado tipo de memória política que o condene, é impedir que no futuro novas gerações padeçam do mesmo mal.

Perceber que o passado se encontra entre nós e que fazemos parte deste campo de disputa como indivíduos políticos é, como afirmado no início, a essência da disciplina de história e da própria educação.

Luis Gauí, professor

Transformando pela matéria



Thiago com o skate feito de BIOplac, composto à base de resíduos da agroindústria brasileira, que rendeu à empresa Fibra o prêmio alemão iF Material Awards em 2008

O ex-aluno, designer e empreendedor Thiago Maia conta como levou o lema da transformação social para a vida, com a fundação de empresas sustentáveis

O carioca Thiago Maia estudou no São Vicente entre 1995 e 2001, do que hoje é o 6º ano do Ensino Fundamental até a 3ª série do Ensino Médio. E foi no Colégio que fez suas maiores amizades, criou algumas das melhores memórias e pôde desenvolver a visão de mundo que o fez seguir pelo caminho da transformação, a partir do amor e respeito à natureza. Fundador da empresa Fibra, que ganhou em 2004 o prêmio alemão de materiais sustentáveis, iF Material Awards, Thiago se formou em 2007 na Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) da UERJ. Foi ali que ele começou sua carreira, hoje reconhecida internacionalmente. A Fibra deu filhotes, como a MateriaBrasil e a Goma, e depois disso nosso herói também participou da fundação do Catarse, a maior plataforma de financiamento coletivo do país. Nesta entrevista que concedeu à revista *A Chama*, Thiago conta sua trajetória de transformador social e compartilha conosco sua forma de ver e viver o mundo.

Como você acredita que o colégio o influenciou em relação à sustentabilidade ou à busca de um mundo melhor?

Acredito que o CSVP é, antes de qualquer coisa, um local que proporciona bons encontros. Acho que lá foi um dos lugares na minha vida onde encontrei muitas pessoas que compartilhavam e estavam construindo juntas uma visão de mundo muito próxima da natureza. E num momento da vida superimportante, que é o final da infância e a passagem pela adolescência. Foi na época do CSVP que comecei a surfar. Que acampeei pela primeira vez na Ilha Grande. E no Sana. Que me apaixonei por esse contato próximo com o mar, a floresta, e com as coisas simples. Sempre com amigos do colégio. Eu diria que foram essas pequenas grandes coisas que me influenciaram.

Você já começou a trabalhar na faculdade com sustentabilidade?

Comecei a trabalhar enquanto estava na faculdade, e abri minha primeira empresa lá, a Fibra, com um grupo de amigos. Estávamos pesquisando possibilidades de uso de matérias-primas naturais, descartadas em processos agrícolas, na produção de objetos. Essa pesquisa foi muito reconhecida nacional e internacionalmente. Ganhamos um prêmio na Alemanha por esse trabalho, e dali tudo começou. Ganhamos uma sala na faculdade para continuar o trabalho, e acredito que contribuimos para o fortalecimento de uma cultura empreendedora entre os alunos. Esse processo que vivemos na ESDI foi superimportante para retomar diálogos que estavam engavetados na faculdade, no sentido de estruturar uma Incubadora de Empresas por lá, com o intuito de auxiliar alunos que quisessem trilhar um caminho empreendedor.

Você acredita ter levado/estar levando o lema do Colégio, “educando para a transformação social” para a vida? Afinal, hoje, por intermédio de seu trabalho sustentável, você é um transformador social.

Acredito, claro. Esse lema na realidade abre portas incríveis, quando você se depara e passa a entender a profundidade de seu significado. Educação cada vez mais é algo que não se faz somente dentro de instituições estabelecidas. Pode ser feita em qualquer lugar, a qualquer hora. É uma questão de estar atento às oportunidades e ter o cuidado de pensar na educação como um



Alguns dos objetos e materiais produzidos pela MateriaBrasil em parceria com outras empresas: o case para iPhone Boocase (no alto); armação de óculos e linha de souvenir (ao centro); a bicicleta Chico, fabricada em laminado de bambu orgânico (acima); e o Stand Domo Asta, produzido com estrutura de alumínio e guarda-sóis (à esq.)



princípio básico da transformação social. Todos os processos, projetos e empresas com os quais estou ativamente ligado estão trabalhando hoje de alguma forma com este lema.

Quando foi fundada a Fibra? E a MateriaBrasil?

Em 2004 começou o embrião da empresa, quando ganhamos o prêmio na Alemanha. Em 2005, ela foi legalmente aberta e a família desde então não parou de crescer. A MateriaBrasil surgiu há uns 3 anos, como um projeto de divulgação de matérias-primas trabalhadas por pessoas preocupadas com seu impacto ambiental e social. Esse projeto ganhou tanta força no grupo que acabou virando o nosso nome (a Fibra virou MateriaBrasil, a família cresceu mais ainda com a chegada de novos sócios, mas o DNA continua sendo o mesmo).

Além disso, ano passado nos juntamos com mais algumas empresas para criar a Goma, uma associação de empresas com sede na Zona Portuária do Rio, que compartilham o mesmo espaço de trabalho e desenvolvem projetos e ações em conjunto.

Nesse meio tempo também participei da fundação do Catarse, a maior plataforma de financiamento coletivo no Brasil, que tem ajudado centenas de pessoas a tirarem suas ideias do papel, por meio de micropatrocínios.

Você acredita que iniciativas como esta têm o poder de mudar o mundo?

A ideia de mudar o mundo é sempre controversa. Acho que só de existirmos já estamos mudando o mundo, então em tese qualquer iniciativa tem o poder inerente de mudar o mundo. Seja para melhor, seja para pior. Eu prefiro acreditar que tenho a escolha de me envolver em causas e iniciativas que tragam mensagens positivas (sem deixar de serem críticas!). Mensagens que possam estimular pessoas a saírem da inércia, a pensarem fora da caixa, a enfrentarem seus medos, a procurarem melhorar seu modo de viver, de consumir e de se relacionar com o ambiente onde vivem. Prefiro a visão de um enxame. Pequenas pessoas causando pequenas transformações no seu entorno.

Por fim, você gostaria de deixar algum recado para os alunos do São Vicente? Alguma mensagem que os motive a levar o tema da transformação social sempre adiante?

Nossa! Esta é talvez a melhor das perguntas. Se eu pudesse eu diria para todos os alunos esquecerem o vestibular! Esquecerem a ideia de que colégio é um lugar por onde passamos antes da faculdade, como se educação fosse uma linha de produção. Eu diria para eles viajarem sempre que puderem, conhecerem outros lugares, pessoas, culturas. Eu diria para eles acamparem. Aprenderem a tocar algum instrumento musical. Abraçar com unhas e dentes as “atividades paralelas” do colégio, como artes, teatro, informática, música. Diria para eles pensarem como eles podem transformar o próprio CSVP. Como podem propor coisas e atividades lá dentro que subvertam lógicas, que proponham mudanças. Diria para eles que a maioria das fórmulas de física que decorei na época do CSVP eu já esqueci, mas que isso não quer dizer que eu não goste de física ou que ela não esteja presente mais do que nunca em minha vida. Sejam abusados, e continuem abusados. Sempre com cuidado, claro. O mundo está precisando de gente assim.



“Se eu pudesse eu diria para todos os alunos esquecerem a ideia de que colégio é um lugar por onde passamos antes da faculdade, como se educação fosse uma linha de produção”

Thiago Maia



Exposição de peças da MateriaBrasil na Feira Casa Brasil 2013

Veja também:
materia brasil.com



O pingue-pongue sempre foi uma tradição no Colégio desde os primeiros tempos. As mesas do pátio lotam durante o recreio há décadas. Ao lado, a disputa num torneio nos anos 70. Abaixo, os meninos jogando no final dos anos 80 e nos dias de hoje, a turma do 9º ano durante o recreio.



Acima, o 1º laboratório de informática do Colégio em 1994, quando alunos usavam os computadores em duplas. Ao lado, crianças de comunidades carentes visitam o laboratório de informática no Domingão Vicentino de 2009. Nesta época os laboratórios ficavam nos dois andares da casa que foi construída especialmente para eles, no pátio interno. Abaixo, alunos do 6º ano em 2014 aprendem a fazer animações com o programa Pivot, no novo laboratório de informática do 5º andar.

ONTEM E HOJE



Joka, uma história que se confunde com a do Colégio



Coordenador de multimídia, João Carlos Rodrigues Gomes fala de sua bonita trajetória de 46 anos no São Vicente

Muitas instituições têm seus funcionários antigos, pessoas que trabalham há décadas por ali, que já fazem parte da própria história do lugar. O São Vicente não é exceção, e neste número a revista *A Chama* resolveu homenagear na seção *perfil* um dos seus funcionários mais antigos, João Carlos Rodrigues Gomes, o Joka. A história do Joka com o Colégio começou há 46 anos, em 1968, quando o então estudante João entrou para o curso de Admissão do São Vicente, a série que na época precedia o Ginásial, equivalente de então ao atual segundo ciclo do Ensino Fundamental. Desde pequeno Joka, já se interessava por eletrônica, mas foi no Curso de Eletrônica ministrado por Pe. Migdon a partir da 4ª série do Ginásial que ficou claro que seu caminho profissional se daria na área.

“O laboratório do Pe. Migdon era muito inovador para a época e os alunos ficavam o Ginásial inteiro esperando chegar o quarto ano para começar a

ter aulas lá. Com o início do Ensino Profissionalizante a partir de 1973, o governo federal enviou para todos os colégios uma quantidade grande de equipamentos, que foram completamente assimilados no laboratório do São Vicente, e o curso de eletrônica do colégio se tornou um curso de excelência. O Pe. Migdon gostava muito de mim e me convidou para ser monitor, e logo depois professor, então mesmo enquanto eu ainda estava estudando, já estava ensinando para uma série abaixo da minha”, conta Joka.

Em 1976, João, já formado no São Vicente, entrou para a Engenharia Elétrica e Eletrônica da PUC-Rio, na qual viria a se formar em 1981. Durante esse período, ele seguiu dando aulas no São Vicente, não só no turno diurno, mas no supletivo, à noite. Fez também alguns experimentos interessantes no colégio, construindo uma secretária eletrônica numa época em que esse tipo de equipamento ainda não existia, e teve um dos seus poucos empregos fora do colégio, em um estaleiro. Com o diploma da PUC veio também uma proposta de trabalho na Petrobrás, e pela primeira vez Joka ficou dividido em relação a que caminho seguir profissionalmente.

“Fui conversar com o Pe. Lauro, que na época era o diretor, e expus a situação para ele. Eu disse que passava a semana trabalhando no estaleiro e pensando no sábado, quando eu iria dar aula no São Vicente, e ele me disse algo que eu guardo até hoje. Ele disse: Joka, o São Vicente não é uma firma do tamanho da Petrobrás, nós não temos como competir em termos de salário, mas lembre-se que no final do mês o que conta não é só o que sai no seu contracheque; o prazer de fazer o que a gente ama também tem um peso grande. Depois dessa conversa eu optei por permanecer no colégio, mesmo sabendo que o Ensino Profissionalizante acabaria no final de 1983, por conta de uma mudança de lei, e que todos os professores desse segmento de ensino, inclusive eu, seríamos demitidos”, lembra.

As demissões dos professores do Ensino Profissionalizante acabaram se juntando às demissões em massa acontecidas no colégio no mesmo ano de 1983, e que resultaram na histórica “ceia da vigília”, que reuniu cerca de 400 alunos por quase um mês em acampamento improvisado no São Vicente. Passada a ceia, contudo, faltavam no colégio professores de diversas matérias, e Joka foi convidado para dar aulas de geometria plana para as 6ª e 7ª séries do primeiro grau, posição que ocupou até o final de 1999. Nesse período, também assumiu, a convite de Pe. Almeida, a Coordenação Comunitária do colégio, de 1988 a 1995, juntamente com Pe. Migdon; organizou campeonatos de surfe com alunos e diversas excursões, além de ser professor de matemática entre 1993 e 1999 para alunos do 1º ano do 2º grau, o Ensino Médio de então.

Em 1996, Joka foi um dos responsáveis pela criação da rádio Democústica, uma rádio pirata que existiu por três anos dentro do colégio. Gerenciada pelos próprios alunos em conjunto com professores e outros funcionários do colégio, a rádio ganhou rapidamente audiência do comércio local e da comunidade do Cerro Corá,

Os DVDs com o registro de peças, shows e materiais didáticos do São Vicente, produzidos no Laboratório de Multimídia. A produção visual das capas é de Renata Salles, que trabalha com o Joka no laboratório.

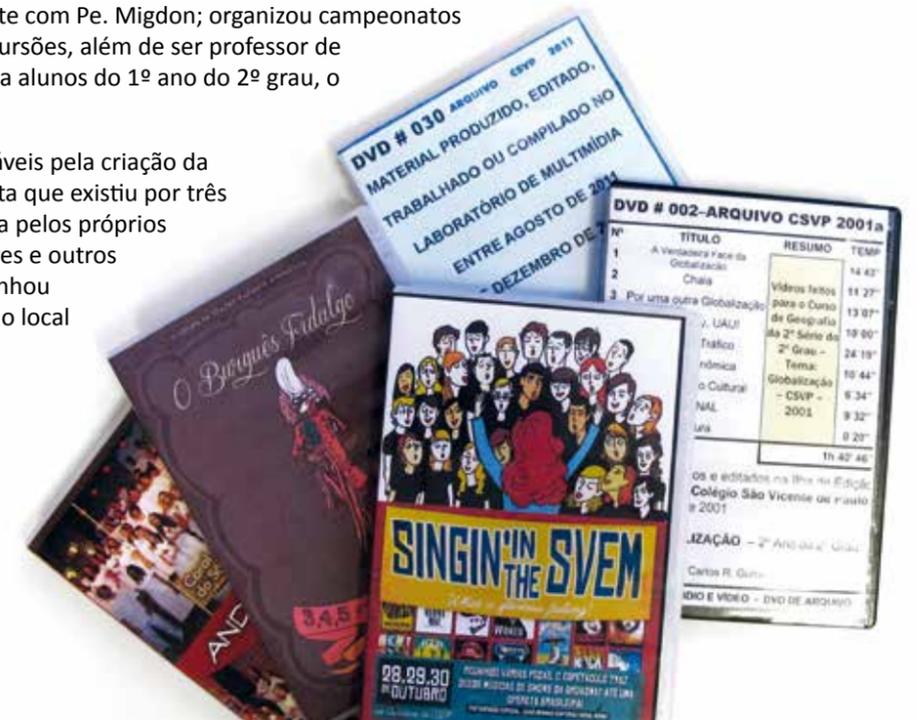
e chegou a organizar especiais e ganhar entrevistas exclusivas de bandas como o Barão Vermelho. Como era ilegal, a iniciativa eventualmente teve que acabar, mas não sem a gravação de um CD com as músicas mais ouvidas que muitos alunos da época guardam até hoje.

A partir de 2000, Joka deixou definitivamente a sala de aula para se dedicar à coordenação de informática e às ilhas de edição de áudio e vídeo do colégio, sua grande paixão. Passou então a cuidar da manutenção do acervo do colégio, e, desde 2009, também coordena o laboratório de multimídia do São Vicente. Com a crescente demanda de produção de vídeo com qualidade, em 2008 iniciou um curso livre de vídeo para alunos, que é pago por eles, não com dinheiro, mas com trabalho, sempre que a ilha de edição precisa de ajuda para filmar apresentações dos corais ou do teatro do colégio, e depois editar para criar um DVD.

“Estou aqui há tantos anos e já fiz tantas coisas, tantos projetos, que chega a ser difícil lembrar. Só sei que desde que me aposentei fiquei com a carga horária de trabalho reduzida em mais da metade, mas enquanto me deixarem trabalhar aqui, eu vou continuar. O São Vicente é minha casa, foi aqui que construí minha vida.”



À esquerda, o ar-condicionado feito no Laboratório de Eletrônica, antes mesmo da compra de aparelhos refrigeradores pelo colégio. Ao centro, o cd comemorativo do 2º ano de atividades da Rádio Democústica, de cuja criação Joka participou. À direita, o Padre Migdon, então responsável pelo Curso de Eletrônica do São Vicente.

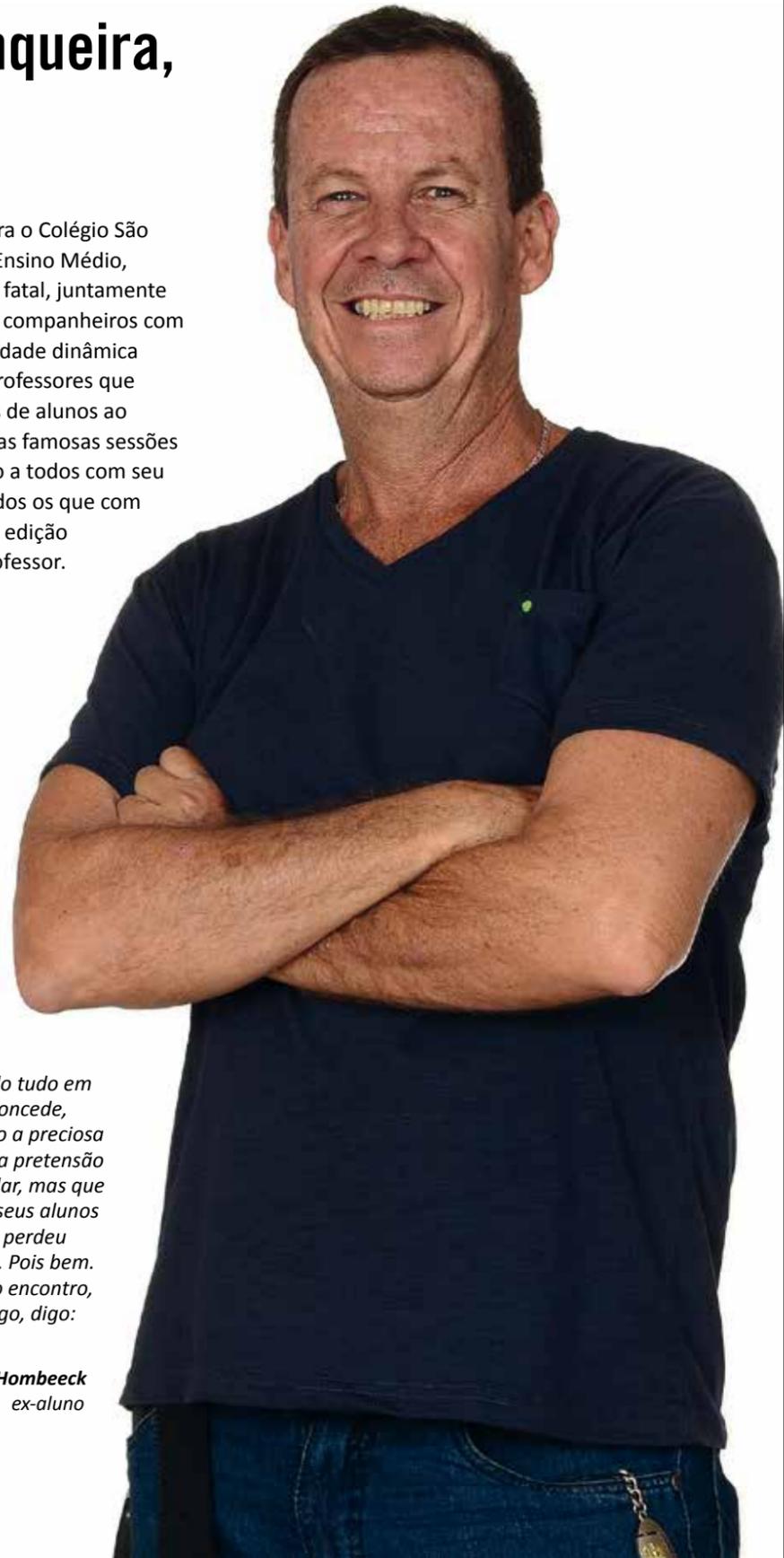


Um triste adeus a um professor que era pura alegria e amor à vida: Alexandre Junqueira, o “Tio Alex”

A terça-feira dia 1º de julho foi um dia triste para o Colégio São Vicente de Paulo. O professor de geografia do Ensino Médio, Alexandre Junqueira, foi vítima de um acidente fatal, juntamente com seu filho Bruno, e deixou amigos, alunos e companheiros com o coração um pouco mais pesado. De personalidade dinâmica e animação constante, Alexandre era um dos professores que acompanhavam constantemente as expedições de alunos ao Caraça e a acampamentos de surfe, fazendo suas famosas sessões de alongamento antes dos passeios e saudando a todos com seu “aloha!”. Sua alegria contagiante inspirava a todos os que com ele conviviam. A revista *A Chama* publica nesta edição algumas das homenagens feitas ao querido professor.

Há exatos onze anos atravessava pela última vez os portões do meu querido CSVP. Há exatos onze anos não falava com o Alexandre, meu grande professor do Ensino Médio. Pergunto-me se esse distanciamento quer refletir algo mais, a não ser a correria de uma vida que muitas vezes nos aparta dos nossos sentimentos sem notificação prévia ou aviso de recebimento. Nossos anos de convívio foram, por certo, pontuados por discussões e alfinetadas de ambas as partes - ele com seu estilo surfista/liberal/boa praça, eu com minhas ideias conservadoras em excesso para os padrões vicentinos. Em 2001, com interregno de poucos meses, falecem Milton Santos e Roberto Campos: loas a um, críticas mordazes a outro, e muitos apartes, réplicas e tréplicas em sala de aula. Pondo tudo em perspectiva, com o distanciamento que o tempo concede, vejo que esses embates me deixaram como legado a preciosa lembrança de um homem bom, alegre, que tinha a pretensão não apenas de esgotar o conteúdo para o vestibular, mas que também buscava incansavelmente demonstrar a seus alunos que a vida vale ser vivida. Dizem que quem nunca perdeu uma pessoa querida não encontrou a maturidade. Pois bem. Transcorrida mais de uma década de nosso último encontro, diante do túmulo do meu querido professor e amigo, digo: hoje eu reencontro minha juventude.

Guilherme van Hombeeck
ex-aluno



“É impossível descrever o tamanho da perda que sofremos, ao ver você indo embora para sempre assim tão de repente, Tio Alex. Mas onde você estiver agora, saiba que não foi só um professor: foi amigo, companheiro, conselheiro, mestre para a vida toda. Alguém tão especial e alegre que é impossível esquecer. Seu tão animado “Aloha” nas manhãs de aula vai ficar na memória de todos nós e será uma das tantas lembranças felizes que temos de você, tão amado por todos. Vai em paz, professor. Com a certeza de que seus ensinamentos serão carregados por nós por toda a vida. Abençoado seja!”

Stella Resende
ex-aluna

“Ontem, no dia 1º de julho, quando soube da morte do professor Alexandre Junqueira e de seu filho Bruno, uma imagem logo me veio à cabeça. A do Padre Lauro Palú, no pátio da Escola, ao final de mais uma tarde, fazendo esforço pra não ser derrubado por uma das crianças que saíam da aula, competindo para ver quem saltava do degrau mais alto das escadas. Serenamente ele ia descansando sua mão sobre a cabeça de uns e de outros e reconhecendo nelas crianças Vicentinas.

Digo isso para reforçar minha admiração por essa Escola, que é única. Não só pela qualidade técnica de todos que ali trabalham, mas pelos valores que ela defende, de fraternidade, de compaixão e sensibilidade social.

O Alexandre, me parece, cultivava sua jovialidade não por vaidade, mas para que seu discurso de educador não soasse vazio. Entendia que a palavra devia vir sempre acompanhada de um exemplo, de uma atitude. Ser surfista e apaixonado pela natureza era também uma ferramenta para se aproximar e se comunicar com os jovens. Era a criação de um espaço para o cultivo dos valores vicentinos.

Uma forma de nos lembrarmos sempre dele, com respeito e reconhecimento, é reforçarmos em nós – alunos, colegas, pais e padres – a responsabilidade para com estes valores. Assim, o Colégio São Vicente de Paulo continuará adoravelmente diferente. Assim, construiremos um mundo diferente, onde em cada tijolo haverá um pouco do Alexandre”

Eduardo Macedo
pai de Nicolau e Pedro Locatelli Macedo

Quando o Joca me deu a notícia, eu nem sabia que o Alexandre e o Bruno estavam vindo para o Caraça, quando houve o desastre. Ao ir sabendo das notícias, sobretudo quando telefonei para a Ângela, fui recompondo lembranças muito fundas.

Entrou para o São Vicente há trinta anos, me parece, e firmou-se como Professor conceituado também entre seus colegas. Recordo o barulho que fazia sábado cedo, com a chamada dos Alunos. Se dependesse dele, nenhum dormiria nas aulas, apesar da noite da sexta-feira.

Outra lembrança dele se refere ao sono dos rapazes e moças, quando das excursões do 3º Ano ao Caraça. Quando vim com ele a primeira vez, o Bruninho ainda estava para nascer e a Ângela certamente lhe foi falando o que via e ouvia, o de que gostava, o com que se surpreendia. Nascido, o Bruno veio aqui quantas vezes? Voltei logo depois com o Alexandre e Professores de Biologia, História e Sociologia, para prepararmos a vinda dos Alunos. Do Cosme Velho até aqui, anotamos, com a quilometragem, o que poderíamos explorar com a moçada, durante a viagem, desde a favela do Cerro Corá e Guararapes, do porto do Rio, da serra de Petrópolis e sua favelização, até a chegada ao Caraça. Uma excursão foi feita de dia, e visitamos nossa Reserva ecológica, as minas da Samarca em Mariana, os Profetas e as capelas dos Passos, as obras-primas do Aleijadinho em Congonhas. Foi a única vez, de dia, me parece, pois a moçada dormia a viagem toda, fechando as cortinas do ônibus e vaiava quem ousasse ou tentasse falar de industrialização, ciclos econômicos, imigração alemã e suíça, quadrilátero ferrífero, pecuária intensiva, curvas de nível e monoculturas, família imperial, arquitetura barroca etc., etc. Nem o Alexandre conseguiu manter a turma acordada, embora depois tenha mostrado que vários daqueles pontos caíram no vestibular. Thiago Madruga, Renata e Wagner podem confirmar tudo isso. Noutros anos, vieram vários Professores e Inspetores. Acontece que o “Tio Alex” também dormia na viagem, tinha que dormir, depois de passar noites quase inteiras no corredor, vigiando os Alunos e Alunas, que não fossem aprontar nada... Quando infelizmente aprontaram, duas vezes que eu tenha sabido, o Alexandre se angustiou, e numa delas chegou a se demitir, por não ter resolvido mais prontamente uma situação complicada...

Contei tudo isto para resumir o Alexandre: sofreu muito com as dificuldades no casamento, mas estava com a Ângela numa fase bonita de reconciliação, era muito amoroso com os filhos Bernardo e Bruno, orgulhoso do sucesso do Bernardo na Engenharia, como se orgulhava dos resultados de todos nos vestibulares; leal com seus Colegas, jamais o vi numa atitude inamistosa com nenhum deles; passei para ele e a Mônica muitos materiais de Geografia que recebi de um amigo e os vi interessados em atualizar-se e ampliar seus conhecimentos e enfoques. Trazia os Moços ao Caraça para ‘energizá-los’ e os punha para malhar e alongar-se, antes das caminhadas, comia valente para recuperar as forças da manhã, antes da caminhada da tarde. Era um Menino encantado com a vida: surfista e instrutor de surfe, tinha que estar atento à pele, que operou tantas vezes, mas nunca o vi um grau abaixo no entusiasmo, na alegria de viver, na confiança em si, no exemplo de amizade leal e dedicada a todos.

Fomos muito amigos todos estes anos, mas nunca disse a ele estas coisas bonitas. Escrevo-as agora, para conservar sua lembrança risonha e animada, para homenagear a Ângela e o Bernardo e sentir solidário e sofrido, com todos os Amigos do São Vicente.

Caraça, 6 de agosto de 2014

Pe. Lauro Palú, C. M.

Batendo um bolão

Além dos Jogos Vicentinos, disputados anualmente, alunos e ex-alunos encontram no Colégio espaço e incentivo para a prática saudável de esportes

Em ano de Copa do Mundo no Brasil, nada melhor do que falar sobre a prática de esportes no Colégio. Afinal, uma pergunta que correu o país, depois de sua já histórica derrota contra a Alemanha por 7 a 1, foi: como estamos treinando nossos atletas? Para tentar responder a esta pergunta, *A Chama* conversou com Paulo Nascimento, professor de Educação Física do São Vicente, e com Cacá, o administrador esportivo e gestor da Squadra Esportes, empresa que também atua no colégio.

“Eu acredito no esporte como uma forma de desenvolver valores na prática. É um espaço no qual eles têm os desafios que os impulsionam a ser solidários e justos uns com os outros. Além de tudo, no São Vicente procuramos desenvolver a consciência da prática do esporte para a manutenção da saúde, e a tendência é que, fazendo algo que consideram prazeroso, eles possam continuar praticando ao longo da vida”, afirma Paulo, que organiza todos os anos os Jogos Vicentinos.

Este ano, os Jogos começaram no dia 17 de julho, e as turmas de 1º a 5º ano fizeram competições de bola ao cesto, corrida de revezamento, futebol, queimado e dodgebol nos sábados 19 e 26 de julho, além de nos respectivos recreios. A competição do Ensino Médio começou no dia 2 de agosto e se estendeu por mais quatro sábados, quando foram praticadas as modalidades basquete, handebol e futebol. O vôlei ficou para os dias de semana, depois do tempo das aulas, nos dias 19 e 20. Já os jogos do 6º ao 9º ano se iniciaram em 6 de setembro.

Para Paulo, que também é o coordenador de Educação Física do Colégio, o grande legado dos jogos é o fato de os alunos participarem em sua quase totalidade das competições. Ele explica que os estudantes têm o direito de escolher em que modalidades querem participar, e um mês antes as equipes já se dividem para treinar, o que dá tempo para todos se sentirem confortáveis nos times. Os jogos, que têm o patrocínio da Associação de Pais e Mestres e o apoio do Colégio, acontecem todos os anos no São Vicente, e distribuem centenas de medalhas para alunos.



Acima, jogo de vôlei de alunos do 8º Ano. À direita, a abertura dos Jogos Vicentinos 2014 no ginásio do Colégio



São Vicente Educação Esportiva +10

Para os alunos que querem se aperfeiçoar nos esportes ou simplesmente passar mais tempo com os amigos praticando uma atividade lúdica e saudável, o Colégio oferece como possibilidade a inscrição na Squadra Esportes, que funciona no próprio São Vicente. Tudo surgiu quando, em 1988, Carlos Alberto Stiebler, ou Cacá, como é conhecido, foi convidado pela então Coordenadora Marlene Bloom para fazer um projeto de uma Escola de Futebol para o Colégio. De acordo com ele, o projeto foi abraçado de imediato pelo Pe. Almeida, então Diretor do São Vicente, e recebeu todo o apoio necessário. A escola começou com poucos alunos, mas cresceu rápido e seu sucesso fez com que poucos anos depois surgisse o projeto Copa do Mundo das Escolas de Futebol, que juntava times de sete a oito colégios para competir entre si e que marcou a vida de muitos dos alunos de então.

Formado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1985, e hoje com Pós-Graduação em Futebol pela UFRJ e UERJ, ele conta que na época em que a Squadra Esportes foi fundada, nenhum colégio tinha sua própria escola de esportes e a maioria só oferecia como atividade extra o balé e o judô. “Hoje, quase todos os colégios possuem sua própria escola de esportes, oferecendo diversas modalidades. Um diferencial da Squadra é que focalizamos muito



No alto, alunos que participaram da XI Copa do Mundo de Escolas de Futsal, em 2003. Abaixo, aulas de judô e de ginástica rítmica, dentro do programa *Educação Esportiva + 10*.



Uma aula da Escola de Futebol no ginásio nos anos 90

mais a ludicidade e a motricidade do que o treinamento técnico e a competição. Estes existem também, é claro, mas o mais importante para nós é ver as crianças felizes e se desenvolvendo, descobrindo no esporte uma forma de expressão e de diversão, que além de tudo é saudável”, comenta Cacá.

Os anos de experiência com a escola de esportes fizeram com que neste ano a empresa começasse a implementar um novo programa pela empresa, chamado de *Educação Esportiva + 10*. O programa é composto de três fases: a primeira, da escola de esportes tradicional, contando com as modalidades futsal, capoeira, judô, basquete e ginástica rítmica. Nesta fase, alunos de todas as idades podem participar, e não há foco específico na competição. A segunda, chamada *Performance*, oferece uma continuidade aos possíveis atletas, com talentos detectados durante a escola de esportes, proporcionando um treinamento mais intensivo e a participação em torneios preparatórios. Na terceira fase, a do *Alto Rendimento*, os interessados poderão disputar por clubes profissionais e participar do Programa de Administração de Carreiras da Squadra Esportes.

“Nós temos uma média de 140 a 150 alunos matriculados na Squadra e, desses, há uma parte que deseja treinar mais para participar de competições. É isso que estamos começando a oferecer para os nossos alunos, uma continuidade para os que têm essa aspiração”, completou Carlos.

Um aprendizado para a vida

Os ex-alunos do Colégio e da Squadra Esportes Antonio Correa e Leo Carvalho lembram-se da importância que a escolinha de esportes teve em suas trajetórias. Leo, hoje jogador profissional, acredita que a escolinha foi uma etapa importante para sua formação como atleta, principalmente por começar a participar de campeonatos desde cedo, o que o preparou para os campeonatos profissionais que viriam. Para Antonio, talvez o aprendizado mais importante na escolinha tenha sido o de ser competitivo sem faltar com o respeito ao adversário, mantendo e até fortalecendo antigas e novas amizades. Ambos participaram de algumas edições da Copa do Mundo das Escolas, e relembram da época com alegria.

“As Copas do Mundo eram a parte mais animada e esperada da escolinha. A formação de equipes representando países do mundo nos dava a sensação de realmente estarmos jogando por essas seleções. Cheguei a ser campeão duas vezes e duas vezes bati na trave sendo vice-campeão. Nós jogávamos contra escolinhas de outras escolas da região e isso criava um clima legal dentro do colégio. Quando o final de semana da Copa do Mundo chegava, vivíamos de forma intensa esses dias”, recorda Leo.

Antonio não seguiu a carreira de esportista como Leo, mas, da mesma forma que ele e tantos outros ex-alunos do Colégio, costuma ir semanalmente ao São Vicente para bater uma bola e rever os amigos, botando em prática tudo o que aprendeu nos seus anos de educação física e de Squadra Esportes.

“O nosso futebol semanal no CSVP é mais do que a simples prática do esporte. O encontro, às terças-feiras, leva diferentes gerações de ex-alunos a se reverem na mesma quadra onde jogaram durante suas infâncias e adolescências. É uma maneira de mantermos o vínculo de amizade entre nós e com o colégio, mesmo após alguns anos já passados desde que deixamos o São Vicente”, finalizou Antonio.

Antonio Correa (de camisa preta) e a turma de ex-alunos que jogam futebol nas terças-feiras



No alto, à esquerda, Dra. Neuza mede pressão na barraca da APM; à direita, meninos jogam “futebol de prego” numa das exposições, que teve o futebol como um dos principais temas, por conta da Copa, também homenageada na performance musical dos 8º e 9º anos (acima)

Feira de Qualidade de Vida

A Feira de Qualidade de Vida este ano contou com diversas exposições culturais e, sendo na véspera da Copa do Mundo no Brasil, teve como um dos seus principais temas o futebol, considerado paixão nacional. No sábado, dia 31 de maio, foram apresentados trabalhos sobre o corpo humano, sobre os efeitos do açúcar na saúde e sobre a cultura futebolística brasileira. Os alunos da 2ª série do Ensino Médio apresentaram o resultado de um ano de pesquisas no Programa de Vocação Científica junto à Fiocruz. A livraria Empório das Letras também foi convidada, e fez o lançamento de dois livros, um sobre a seleção brasileira e outro sobre as Copas do Mundo. A Associação de Pais e Mestres fez sua já tradicional participação com uma barraca de medição de glicose, pressão arterial e colesterol.



Encontro celebrativo da comunidade vicentina

Música, teatro e muitos desenhos alegraram o encontro celebrativo dos alunos do 1º ao 5º ano do colégio com suas famílias. O encontro, no dia 30 de agosto, começou com um esquete teatral dirigido e montado pelo Professor Lauro, tratando da importância do papel de cada pessoa para a sociedade. Os alunos do 5º ano fizeram uma apresentação de flauta, e durante a missa todos os alunos participaram de atividades com seus professores. Ao final, um lanche coletivo foi servido, e os alimentos não perecíveis trazidos por muitas famílias foram separados para doação.

Manhã Literária

Os 6º, 7º e 8º anos participaram no último dia 23 de agosto de mais uma Manhã Literária. O evento, que já acontece há alguns anos no colégio, contou com uma feira de livros promovida pela Livraria Instante do Leitor e uma exposição intitulada *Navegando pelas aventuras de Moby Dick*, feita pelo 8º ano, logo no hall de entrada. O grupo carioca Tapetes Contadores de Histórias fez uma apresentação para o 6º ano, trabalhando contos e lendas de diversas tradições culturais, como da Ásia, África e de índios americanos. A dupla de escritoras e atrizes do Terra Vênus também fez uma apresentação com encenações de letras de canções de Chico Buarque, em homenagem a seus 70 anos, e contou com a participação especial do grupo de teatro do 6º ao 8º ano, da professora Joana Cabral.



Romeu e Julieta

No dia primeiro de agosto, trechos desse que é um dos mais famosos clássicos de William Shakespeare foram interpretados no auditório do colégio por alunos da 1ª série do Ensino Médio, numa parceria entre as professoras Ana Brasil, de teatro e cultura, e Glória Helena, de inglês. Algumas das cenas mais importantes da peça foram selecionadas e ensaiadas na sua língua original, o que exigiu um trabalho especialmente voltado para a pronúncia do inglês arcaico. O auditório lotado coroou a apresentação.



Festa Junina

Este ano, a Festa Junina do Colégio São Vicente foi realizada em três dias diferentes: uma sexta-feira e dois sábados seguidos, dias 6, 7 e 14 de junho. No primeiro dia, as festas do 1º ao 8º ano tomaram o colégio com barracas de comidas e brincadeiras, pula-pula e touro mecânico. As danças aconteceram no ginásio, com a presença de parentes e amigos, e diversas gincanas entre alunos, professores, funcionários e convidados animaram o dia. O terceiro dia de Festa Junina, no final de semana seguinte, foi para o 9º ano e o pessoal do Ensino Médio. Foram feitas dramatizações, coreografias e imitações, numa produção dos próprios alunos, com cartazes, cenários e figurinos para engrandecer ainda mais o espetáculo. A tradicional quadrilha da festa foi puxada pelo inspetor Ney. Mas talvez a melhor Festa Junina tenha sido a segunda, do Ensino de Jovens e Adultos. Com muitos participantes oriundos do Nordeste brasileiro, ficou difícil competir com quem viveu as verdadeiras festas juninas desde criança!



São Vicente A Cappella

Na terça-feira, dia 10 de junho, o coro juvenil São Vicente A Cappella fez mais uma apresentação no auditório do colégio. Sob a regência de Patrícia Costa e preparação vocal de Danilo Frederico, o coro apresentou um repertório que incluía músicas que iam desde a renascença francesa até o samba brasileiro. Com entrada franca e seleção musical primorosa, o coro, uma referência nacional entre grupos vocais juvenis, mais uma vez lotou a casa. Parabéns, galera!



Pintura do Muro

Alunos de todos os segmentos de ensino marcaram presença na já tradicional pintura dos muros do colégio, que este ano se deu entre maio e julho. Os estudantes do 1º, 4º e 5º anos trabalharam temas como a liberdade dos animais, a preservação ambiental, além de fazer releituras de trabalhos do artista Roberto Magalhães. Alunos do 9º ano à 3ª série do Ensino Médio pintaram temas inspirados na cultura da Índia, na cidade do Rio de Janeiro, em protestos contra a Ditadura Militar e no movimento hippie. Foi um sucesso!



Rede E-Solidário

A Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo convida a todos a conhecer a rede social E-Solidário, que visa aproximar possíveis doadores e voluntários a projetos sociais já existentes. A rede nasceu em 2010 a partir da constatação do analista de sistemas Gustavo Dutra e da psicóloga Karina Ribeiro de que muitas pessoas gostariam de ajudar instituições sociais, mas não sabem como nem têm tempo sobrando para ficar pesquisando sobre as diferentes instituições e suas áreas de atuação.

A Rede E-Solidário não tem fins lucrativos nem cobra de qualquer maneira pela participação de doadores ou instituições. No site da rede você poderá conhecer diferentes projetos sociais e se informar sobre como ajudar. Você também pode fazer doações para o projeto de sua escolha e participar de uma visita mensal a cada um dos projetos cadastrados, caso queira conhecer pessoalmente uma instituição antes de fazer sua doação. Entre no site e conheça!

Conectando necessidades a oportunidades através de pessoas solidárias.

 **e-solidário**
www.e-solidário.com.br

CONCURSO FOTOGRAFICO PE. LAURO PALÚ

3 CATEGORIAS

VIDA NO COLÉGIO SÃO VICENTE

NATUREZA & ARQUITETURA

EDUCAÇÃO, CIÊNCIA & TECNOLOGIA

3 PRÊMIOS POR CATEGORIA

VALES-PRESENTES DA LIVRARIA SARAIVA

R\$600 / R\$ 400 / R\$ 300 POR CATEGORIA

+

UMA CÂMERA NIKON COOLPIX L820 PARA
A FOTO MAIS "CURTIDA" NA PÁGINA DO
CONCURSO NO FACEBOOK

VOCÊ PODE CONCORRER COM 3 FOTOS EM CADA CATEGORIA

Exposição das
fotos vencedoras
na Feira de
Linguagens, no dia
25 de outubro



ORGANIZADO PELA
ASSOCIAÇÃO DE
PAIS E MESTRES



COLÉGIO
SÃO VICENTE DE PAULO